

CEsA

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa

Colecção

Documentos de Trabalho

nº 86

Iolanda Évora

**Discursos sobre a diáspora cabo-verdiana.
O olhar de quem ficou**

Lisboa
2010

*O CEa não confirma nem infirma
quaisquer opiniões expressas pelos autores
nos documentos que edita.*

Discursos sobre a diáspora cabo-verdiana. O olhar de quem ficou

Convegno Internazionale “Navigazioni” nelle isole dell’Africa e del Mediterraneo
In memoria di Maria Rosaria Turano
19/20 aprile 2010

Iolanda Évora

**CEsA
Centre of African and Development Studies
Faculty of Economics and Management
Technical University of Lisbon**

O interesse no tema desta apresentação inclui-se na nossa proposta mais ampla de estudos sobre a migração cabo-verdiana e, mais especificamente, dentro deste campo, na intenção de aprofundar o conhecimento sobre o posicionamento dos diferentes grupos ou segmentos sociais em relação à migração cabo-verdiana, dentro e fora do país. A ideia é sublinhar que o campo da migração cabo-verdiana é muito complexo, que mostra-se propício à reprodução das divisões sociais e de classe que nascem no arquipélago, não podendo, portanto, ser abordado como se sobre ele todos os cabo-verdianos e descendentes tivessem a mesma perspectiva e expectativa. Neste sentido, as próprias concepções generalistas sobre a migração cabo-verdiana devem ser entendidas como resultado de disputas entre grupos para imposição das suas concepções sobre a migração.

Em relação a Cabo Verde, a ênfase sempre recaiu na formação de uma identidade especificamente diaspórica pela qual, de forma aparentemente paradoxal, o cimento seria constituído pela dispersão espacial e a referência comum a uma origem quase mítica de uma terra-mãe madrastra. De forma imaginária, tornaram positiva a caboverdianidade diaspórica, mas em nome das condições adversas na origem, esse mal inicial, atribuíram-se dons excepcionais a esse povo disperso advindos de um destino ingrato.

Encontramos aqui uma importante intervenção da tradição da coletividade histórica caboverdeana e, como sublinha Schnapper, uma população que se refere a uma dimensão histórica, e ao mesmo tempo, religiosa do povo tem mais hipóteses de sobreviver enquanto diáspora.

A aparente unanimidade em relação a essa descrição levar-nos ia a concluir que não há controvérsias em relação à aplicação do termo diáspora cabo-verdiana. De fato, poucos autores questionam sobre a adequação do termo como definição da experiência migratória cabo-verdiana, à luz das controvérsias gerais sobre quais as experiências ou que populações podem ser definidas como sendo diásporas (Malheiros, 2003). Seguindo a tendência em relação às diásporas em geral, também em relação a Cabo Verde o termo diáspora tem vindo a tornar-se dominante no campo dos estudos das migrações e mobilidades e tem sido utilizado como sinónimo de imigrantes ou descendentes de imigrantes. Os estudos da diáspora floresceram para uma crescente especialização no seio das ciências sociais mas, a produção neste campo evidencia significativas discordâncias e controvérsias sobre os critérios que definem populações diaspóricas contemporâneas, mostrando as dificuldades conceituais, metodológicas e éticas que marcam este campo.

Por conseguinte, o nosso interesse pelas concepções da sociedade de origem inclui-se num campo de muitas interrogações sobre o valor analítico do termo diáspora e a sua capacidade de tornar-se um conceito operativo para designar a experiência migratória caboverdeana.

Estas mudanças e interrogações no campo mostram que há novos processos e dinâmicas em curso que, na nossa perspectiva, devem ser estudados à luz do posicionamento dos agentes envolvidos no processo migratório cabo-verdiano. Concordamos com Gibau (2005) que o maior impacto desta reconceptualização da diáspora é a forma como as populações diaspóricas redefinem-se a si próprias.

Em relação a Cabo Verde, sem dúvida, a sociedade de origem tem uma contribuição nessa redefinição (reconceptualização) da migração que não se esgota nos aspectos que têm sido mais tratados sobre a sociedade de origem: a forma como esta se comporta tomando-se em conta as alterações nas políticas de imigração dos países de destino que são apontadas como a principal causa da diminuição da emigração; os efeitos de um maior

conhecimento das condições de vida no exterior que diminuem o desejo de partir amplamente atribuído aos caboverdianos. Igualmente, a reflexão debruça-se sobre aos aspectos culturais e simbólicos que são retomados nos contextos de emigração dos caboverdeanos e que constituem o fator de ligação dos grupos dispersos. Ou, ainda, em como o lugar que sofre as influências das estadias dos emigrantes noutras paragens, em termos de bens materiais e culturais que são transmitidos. Na perspectiva de Piot (1999), as definições da diáspora têm tomado como estável (e fixo) o aspecto da ligação com a origem, pouco refletindo sobre a expansão que a relação diaspórica produz na esfera ritual que mantém o mito de origem e a partilha simbólica, adaptando os rituais e as práticas de origem e transmitindo essas mudanças sutis transformando, assim, o original. Ou seja, têm sido deixadas de lado preocupações para com a forma como outros fatores da vida social na origem re-situam a influência diaspórica garantindo que a cópia preserve o original mais fielmente do que o próprio original (Piot, 1999:167).

As abordagens aos aspectos acima referidos contrastam com a quase ausência de formulações acerca de uma sociedade de origem diversificada e em mudança, que participou, em vários estágios, na criação da sociedade diaspórica e das suas dinâmicas sociais. Não só a ligação com a origem sofre mudanças ao longo do tempo como deve-se considerar que uma sociedade como a de Cabo Verde que, ao longo de cerca de século e meio (con)vive com a emigração, certamente terá acumulado algum tipo de capital (se não material, também simbólico e de outro tipo) sobre esse fato social. Ou seja, deve-se considerar que o resultado é o desenvolvimento de uma *competência migratória* que determina o papel da sociedade de origem pois, esta adapta-se às condições oferecidas nos diferentes períodos históricos da migração, aos recuos ou expansão do processo migratório, ao longo do tempo. Ou seja, a emigração caboverdeana não será a mesma, não apenas porque mudaram as condições no exterior mas também porque a sociedade de origem mudou e mudou em relação à sua emigração.

Outro aspecto que justifica o interesse pela sociedade de origem é que, com referência a Cabo Verde, trata-se de um país tão marcado pela migração que podemos dizer que os critérios de identificação dos indivíduos são marcadamente tributários das mobilidades.

Por conseguinte, com o nosso estudo procuramos alcançar os diferentes sentidos atribuídos à diáspora em Cabo Verde, avaliar a intensidade das identidades que lhe estão associadas e reconhecer as suas repercussões nos modos de vida em Cabo Verde.

Partindo da constatação de que existe, em Cabo Verde, e sobre Cabo Verde, um discurso dominante -que reforça a correspondência entre a ideia de terra-mãe do emigrante e a ideia de nação que serve ao estado-nação- utilizado, sobretudo, pelos representantes oficiais e políticos e pelos (re) produtores culturais, procuramos os protagonistas de outros discursos, precisamente aqueles que pertencem às redes que funcionam como contra-modelos que escapam à construção política promovida pelo estado-nação. Trata-se dos segmentos da população que ocupam os espaços de formas singulares, tirando partido dos seus saberes para além dos quadros políticos, da sedentariedade, dos lugares-nação.

Seguimos aqui a perspectiva de Bourdieu entendendo que o campo da migração funciona porque há objectos de disputa (o capital criado no interior do campo: simbólico, cultural, material) e há pessoas (diferentes pretendentes e dominantes) prontas a disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objectos de disputas, etc.

Ou seja, consideramos que diferentes segmentos da população posicionam-se de forma diferente em relação à emigração pois, interesses de classe podem estimular a adopção ou não do termo e, ao mesmo tempo, a forma de seu emprego oferece importante contribuição à compreensão das relações entre classes, destas com a emigração e os emigrantes e a participação (diferenciada) dos grupos sociais no processo migratório.

Neste trabalho, não se trata de eleger um dos discursos como fundamental ou criador, avaliando os outros como repetições e confirmações mas, muito mais de, ao final, compreender como os discursos se retomam, recomeçam e comentam entre si.

Uma primeira constatação é que as pessoas pertencentes a segmentos mais pobres afirmam não conhecer a palavra diáspora ou não sabem o que significa. De forma unânime, utilizaram o termo “emigração/emigrantes” para referir às pessoas e às comunidades no exterior.

Por seu lado, é comum neste estudo que as pessoas com formação superior, universitários ou profissionais liberais afirmem que a palavra é utilizada pelos políticos e a comunicação social. Neste grupo, apontam que diáspora é um termo técnico e, em geral, consideram que o termo é utilizado por determinado grupo com o intuito de não ser compreendido por outro grupo. Menciona-se que os políticos e pessoas da comunicação social (jornalistas), utilizam o termo para mostrar erudição mesmo nas suas interlocuções com o homem comum.

Ou seja, o senso comum não partilha do sentido da palavra porque sequer a usa ou conhece.

Todavia, os que a usam, parecem pouco afastar-se dos conteúdos até agora associados aos termos emigração ou emigrante.

Alguns autores consideram que um dos aspectos que define uma diáspora é o que dá conta das práticas entre as diferentes comunidades no exterior. No entanto, verificamos que, em relação a Cabo Verde, a ênfase é colocada às ligações da diáspora (ou as comunidades no exterior) à origem, as práticas transnacionais dizem respeito, quase que exclusivamente, às ações que os emigrantes dirigem para a sua terra natal.

Ou seja, reafirma-se a diáspora cabo-verdiana sobretudo pelo aspecto da ligação à pátria e sublinha-se o valor do arquipélago como referência para a diáspora.

O nosso estudo vem apontando que este aspecto é partilhado pelos diferentes protagonistas e está presente no discurso oficial, contrariando a perspectiva de autores como Schnapper e Bourdieu, segundo os quais, para sociedades particularmente marcadas pela mobilidade, coloca-se a possibilidade da palavra diáspora tornar-se dominante: quando os principais produtos comuns sejam criados no exterior, com o fim dos nacionalismos, e se identificarmos símbolos e signos criados *entre lugares* e que afectam toda a sociedade diaspórica, incluindo a sociedade nacional.

Os aspectos coincidentes entre os discursos -a ligação com a origem, a ideia do retorno, a noção de que o emigrante deseja investir em Cabo Verde, os aspectos culturais de origem que consideram que o emigrante preserva -nos levam à hipótese de que padrões de mobilidade e formação de identidade tenham retido muito da fluidez do período colonial e pós-independência, daí a partilha desses aspectos muito ligados à identidade nacional, à ideia patriótica do que é *ser caboverdeano* e à ausência de referências a possíveis práticas consolidadas de ligação das comunidades entre si no exterior. Daí a ênfase na ideia de que as comunidades dispersas alimentam a sua identidade coletiva, centram-se nos traços comuns da caboverdianidade que é o elo de ligação com Cabo Verde.

No entanto, os entrevistados apontam para novas formas de ir-e-vir protagonizadas, sobretudo, pelas comerciantes, rabidantes, mulheres que tinham Cabo Verde como ponto fixo mas começaram a comprar produtos no Brasil e a vendê-los, não só em Cabo Verde como também no seio da comunidade caboverdeana nos EUA e em Portugal. De seguida, emigrantes nesses dois países passaram a explorar essa rota para o Brasil e também a França, e há referência a rabidantes/emigrantes, que passam 6 meses do ano nos EUA e o restante a vender entre Cabo Verde, Brasil, Portugal...

Ao mesmo tempo em que afirmam que “todo o emigrante caboverdeano quer regressar ao seu país de origem”, os sujeitos também referem-se a um tema tradicionalmente considerado *tabu*: a noção de que muitos emigrantes não têm como plano regressar a Cabo Verde e que o projeto de retorno não é totalmente compartilhado.

Ao mesmo tempo, mostram que, aos poucos, a ideia da emigração como o destino por excelência do caboverdeano começa a conviver com a possibilidade cada vez maior dos caboverdeanos, em Cabo Verde, criarem os seus projetos individuais de futuro voltados para dentro do país.

Mostram conhecimento e familiaridade a propósito das políticas estatais de exclusão de estrangeiros, identificando, com clareza as variações entre os países, os principais condicionantes da presença imigrante e as características de cada comunidade no exterior, em razão desses condicionantes. Por exemplo, França é visto como o país que proporciona maiores ganhos, segurança e menos exploração do trabalhador imigrante, a par da Holanda. São países favoráveis à emigração masculina, ao contrário de Portugal onde as mulheres encontram trabalho com muito mais facilidade, no setor doméstico. As condições em Portugal são consideradas as mais precárias e a exploração no trabalho é sempre mencionada. Os EUA são vistos como o lugar para se trabalhar muito e ver os frutos em acumulação de bens e produtos que são enviados a Cabo Verde. Portugal, no entanto, é lembrado como o país que proporciona maior proximidade com Cabo Verde e onde se pode encontrar os produtos da terra e é possível refazer os laços sociais com a extensa comunidade que aí vive.

Encontramos, aqui, traços da fluidez e da multiplicidade de referências e de valores que, segundo Simmel (), estarão mais de acordo com as modernas sociedades diaspóricas, vocacionadas às trocas transnacionais e à mobilidade e que mantêm ligações objectivas ou simbólicas para além dos estados-nação.

O CEsA

O CEsA é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.

Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.

As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.

Vários membros do CEsA são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.

Os autores

IOLANDA ÉVORA

Iolanda Maria Alves Évora- Psicóloga Social pela Universidade de São Paulo, Brasil, investigadora associada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CesA,Iseg), ao abrigo do Programa Ciência 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Desde 1998 conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigação sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre transnacionalismo, processos associativos em contexto migratório e concepções e discursos sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago. No campo da saúde/imigração tem estudado, nomeadamente, aspectos das percepções e atitudes dos jovens face ao VIH/Sida. Recentemente, participa de equipas de investigação sobre processos organizativos em contextos de trabalho informal como as feiras e mercados no Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Lecciona disciplinas de Psicologia Social e Organizacional e Metodologia Qualitativa em licenciaturas e mestrados do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento
Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")
da Universidade Técnica de Lisboa

R. Miguel Lupi, 20 1249-078 LISBOA PORTUGAL
Tel: + / 351 / 21 392 59 83 Fax: [...] 21 397 62 71 e-mail: cesa@iseg.utl.pt
URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>